



FERNANDA
BOTELHO

ESTA
NOITE
SONHEI
COM
BRUEGHEL

FERNANDA BOTELHO
ESTA NOITE SONHEI
COM BRUEGHEL

FERNANDA BOTELHO
ESTA NOITE SONHEI
COM BRUEGHEL

ABYSSMO

À PURI

*ESTA NOITE SONHEI
COM BRUEGHEL¹,
DE FERNANDA
BOTELHO
— UM PREFÁCIO*

Para Joana Botelho

1. Fernanda Botelho (1926-2007) publicou poesia (diversos poemas na *Távola Redonda*²; *As coordenadas líricas*, edição *Távola Redonda*, 1951³; “Luz e outros poemas”, no n.º 2 de *Graal*, 1956), mas o essencial da sua obra é consti-

tuído por obras de ficção, desde os primeiros textos curtos, como, no n.º 1 da revista *Graal* — *Poesia, teatro, ficção, ensaio, crítica*, “O enigma das sete alíneas”, conto (pp.14-31), até aos romances, editados com intervalos regulares a partir de 1957 e até 2003⁴. Vale a pena evocar sumariamente este panorama sumário da bibliografia de Botelho para nos determos em traços temáticos apontados desde os primórdios, persistindo de modo transversal até chegar ao presente volume, com o qual se inicia a reedição da obra completa. Assim, se

¹ 1.ª edição: Lisboa, Contexto, 1987.

² *Távola redonda* — *Folhas de poesia*, 20 fascículos, direcção de António Manuel Couto Viana, David Mourão-Ferreira e Luiz de Macedo, 1950-1954. No fascículo 13 inclui-se uma selecção, não assinada, de poetas belgas — presumindo-se que a antologia se deve a Fernanda Botelho.

³ O volume é já anunciado no fascículo 9 da *Távola Redonda*, datado de 15 de Dezembro de 1950.

⁴ *O ângulo raso*, 1957; *Calendário privado*, 1958; *Agata e a fábula*, 1960; *Xerazade e os outros*, 1964; *Terra sem música*, 1969; *Lourenço é nome de jogral*, 1971; *Esta noite sonhei com Brueghel*, 1987; *Festa em casa de Flores*, 1990; *Dramaticamente vestida de negro*, 1994; *As contadoras de histórias*, 1998; *Gritos da minha dança*, 2003.

recuperarmos os poemas dados à estampa no n.º 2 de *Graal*, desde logo encontramos a ironia de um *eu* que se analisa e de si se distancia criticamente, mantendo no entanto um fundozinho angustioso, a que responde a alusão a figuras míticas; veja-se “Luz”, o primeiro desses poemas⁵:

A mesurável condição humana
quanto me exige! Quanto proclama
o seu poder em mim!

Tal submissão nem me redime
nem me liquida.
Não é renúncia sublime
nem carícia retribuída.

Não tenho eira nem beira,
vivo nas dobras da terra
e aceito quanto me dão.

Eis o meu nome: toupeira.
— E o meu olhar se descerra
apenas na escuridão.

A construção do poema hesita entre a deriva reflexiva e o objecto principal de que ela se ocupa — o autoconhecimento, estruturando-se entre as regularidades e as não-regularidades: quatro curtas estrofes, das quais três tercetos e uma quadra, obedecendo ao ritmo da corrente de consciência, também ordenada e sublinhada pela pontuação, com ênfase especial para o início exclamativo, dando lugar às afirmações porventura mais serenas e a novo recurso enfático, com a pausa no penúltimo verso. A estes processos há que juntar a rima de feição regular nos dois últimos tercetos, como a recuperar para os versos de

⁵ *Graal* — *Poesia, teatro, ficção, ensaio, crítica*, n.º 2, 1956, p. 132. Os poemas de Fernanda Botelho aqui publicados são os seguintes: “Luz”, “Renúncia”, “Viagem sem regresso”, “Abysum”, “Esplanada” (pp. 132-134).

redondilha maior uma harmonia entre a matriz culta do soneto e a toada popular que a assonância sublinha. Tais processos, de aparente construção em deriva, contribuem para a coesão de um poema em que a “Luz” titular parece ser, afinal, metáfora das operações do autoconhecimento. Assim é que na primeira estrofe o *eu* se define pela “condição humana” que lhe preexiste e lhe determina o destino; mas a quadra vem clarificar que “Tal submissão” se vê relativizada pela vontade que a ultrapassa e dela se liberta. Isso mesmo será retomado no terceto que tematiza duas características deste sujeito avesso a normas, sem “eira nem beira”, rebelde e com pouco se contentando; a estrofe final vai ainda mais longe, ao inscrever o *eu* na categoria dos bichos da terra tão pequenos⁶ e invisíveis, vivendo no mundo subterrâneo, quer dizer, debaixo do solo e passando despercebidos no seu labor de construção de túneis por onde circula outra vida, “toupeira” alheia aos ruídos do mundo como o verme de Pessanha, “a rir-[se] de não [lhe] doer nada”⁷. Porque, dizem os versos finais, após a pausa marcada pelo travessão: “Eis o meu nome: toupeira./ — E o meu olhar se descerra /apenas na escuridão.”; a “toupeira” simboliza a vida instintiva e oculta que os outros não vêem, abrindo-se paradoxalmente para a luz negra da “escuridão”, como é apanágio dos sujeitos melancólicos, afastados do vulgo mesmo se, pela condição de humanos, vivem por entre as gentes.

2. Dir-se-á: então e *Esta noite sonhei com Brueghel*, que supostamente se está a prefaciar? Respondo eu: pois bem, tudo o que em germe se contém no poema de 1956 funciona como um rastilho ardendo nos romances de Fernanda Botelho, num percurso de que um ponto alto é este volume que escolhemos para abrir a reedição das obras da autora, exemplarmente concebidas como um *continuum* temático em

⁶ Cito Camões, *Os Lusíadas*, canto I, estrofe 106.

⁷ Cito a estrofe final de “Porque o melhor, enfim,/ É não ouvir nem ver”, de Camilo Pessanha. Cf. *Clepsydra – Poemas de Camilo Pessanha*, edição crítica, estabelecimento de textos, introdução crítica, notas e comentários por Paulo Franchetti, Lisboa, Relógio d’Água, 1995, pp. 127-128.

que personagens várias se encarregam de assegurar a vitalidade de um fio de Ariadne sobreposto às narrativas vitais e vitalistas de Xerazade, literalmente assegurando a permanência da vida ficcionada, tão real como a mais intrincada das intrigas romanescas.

Esta noite sonhei com Brueghel é um livro de construção dúctil, flexível: logo no primeiro capítulo a estrutura se mostra como um encanastrado de vozes e de personagens, de situações e de tempos. Nas páginas de abertura, uma personagem feminina, Luíza, é deixada à porta da casa onde vive com o marido (mais à frente nomeado: Diogo Raposo) por um amigo de que só adiante saberemos o nome (Pepe, Pedro). Desde logo quem lê intui segredos: quem é este amigo de longa data, que viremos a saber também ser amante de Luíza, o que será relevantíssimo no desfecho do livro, como se verá? Ou, mais relevante ainda, na conversa quase à porta de casa, saindo do automóvel, Luíza formula a possibilidade de “um dia destes” dar a ler a Diogo (o marido, ensaísta e crítico literário) “o meu manuscrito”, o “do livro que estou a escrever, *Esta noite sonhei com Brueghel*” (p. 19) sobre o qual são dadas duas informações fundamentais: a de que é “autobiográfico”, e a das circunstâncias do processo de escrita — “Comecei-o há doze anos, em Bruxelas. (...) Uns tempos depois, deixei de lhe pegar”, para agora o retomar. Repare-se como habilmente se põem em cena dois períodos temporais entretecidos, o presente e o passado de “há doze anos”, 1972, como logo se precisa no “excerto do manuscrito” que ocupa as restantes páginas deste capítulo inicial. O tempo de agora fica assim datado também — 1984, do mesmo passo que se situam os lugares (a Lisboa de hoje e a Bruxelas de há doze anos, visitada com Rui, o primeiro marido, que Luíza acompanha a um congresso de pediatras), numa permanência breve, durante a qual a personagem vai a uma festa em casa de Flores, antiga amiga libertina, onde conhece Diogo. Aos fios que se vão tecendo neste vórtice de acasos que o não são ainda outros se acrescentam: a Bélgica tem um peso grande na biografia da personagem, filha de mãe flamenga e de pai português, um erudito estudioso, entre outros, de Damião de Góis, cujo percurso nos Países Baixos contribui decisivamente para o perfil pessoal e profissional deste intelectual português.

O leitor deve, pois, estar atento, não se iludindo nem com a aparente superficialidade de muitos passos dialogados, narrando situações de convívio social, nem com a transição entre níveis de consciência da narradora, que é simultaneamente a protagonista e a agenciadora dos diversos níveis da história contada ou da relação complexa entre as personagens. Mesmo porque, se o manuscrito intitulado *Esta noite sonhei com Brueghel* é uma autobiografia, e se nesta os “participantes” ou “personagens” são verdadeiros, como Luíza afirma (“conheço-as”, “são e não são. Não as inventei, por isso não são. Mas no manuscrito parecem personagens.”, p. 20), quer isso dizer que todas as armadilhas da verdade simulada pela ficção se encontram neste romance postas em cena com uma técnica de refinada competência. Um dos aspectos principais disso será a alternância constante entre a primeira e a terceira pessoa, mostrando que o sujeito que fala tem no seu avesso o sujeito que escreve, comandados ambos pela autora que a tudo preside, deslindando enigmas que, afinal, se vão adensando. Os exemplos desta técnica monologal ou de *stream of consciousness* multiplicam-se ao longo do texto. Atente-se neste, quando Luíza, levada por Flores, conhece Diogo: “Algo de ominoso se processa em Luíza, pois, naquele rápido segundo, quando o vulto se desenha, (...), ela soube do seu futuro e da sua condenação. Sei o que sempre soube sem o saber. Sei agora tanto e, não obstante, não sei como.” (pp. 92-93). A fechar quer o capítulo, quer a fala de Flores, *meneuse de jeu*, lê-se ainda a sobreposição da figura de Diogo com a do pai de Luíza, dando a ver no primeiro um espelho duplicado do segundo: “... o teu pai gostaria, eu [Flores] lembro-me de o teu pai ter escrito sobre ele, chegaram mesmo a conhecer-se, creio (...)”; e ainda, diz Flores dirigindo-se a Diogo: “A Luíza bem o sabe, o pai dela conhecia muito bem a sua obra, falava muito de si, nas aulas... (...) Luíza, o Diogo Raposo... tu sabes... o Diogo Raposo...” (pp. 92-93).

Fica à vista o vulto de um duplo Pigmaleão — o pai e Diogo, ambos renomados intelectuais trabalhando sobre autores da literatura e da cultura portuguesas em que Luíza primeiro se forma, depois se autonomizando, mas sempre com o vulto determinante do pai suspenso sobre a sua vida e as suas relações. Ilustre-se isso

com um passo já perto do final do livro, no capítulo IX, quando a protagonista, num dos encontros em casa de Pepe, rememora a sua separação de Diogo, entrosando-a com a herança cultural materna: “Onde, em mim, a truculência que descubro em Brueghel e na raça da minha mãe, que ela degenerou, privando-me da herança? Queria-me, Diogo, dançando de roda, as fartas saias enfunadas de vento e de ritmo (...)? (...) Como degenerarei! Tudo é visão intemperada da antiga aluna de Belas-Artes, e essa visão é tudo o que tenho das terras e telas de Brueghel, (...) donde brotou sem proveito a minha desiludida e decepcionante mãe.” (p. 224). Cruzam-se em passos como este múltiplos planos: elementos para a autobiografia de Luíza, dados para o retrato da mãe desaparecida, analogias com o universo temático da pintura de Brueghel. Páginas antes, num dos almoços com Constança, antiga professora e amiga de Luíza, o artista flamengo do século XVI regressa mas noutra registo, o do manuscrito retomado de *Esta noite sonhei com Brueghel*, escrita com o objectivo preciso de “resolver-me a mim... eu, como nas histórias policiais” (p. 212). O texto *in progress* visa o autoconhecimento, todo o livro em torno disso gira, mesmo quando busca identificar personagens que Luíza não conheceu; é o caso de D. Carminho, mãe de Diogo, importante para o conhecer a ele: “Estou a investigar. Exponho os factos, completo-os pela imaginação (...) Ordeno e examino os factos, na sua globalidade. (...) Eu sou — declaro — eu sou, sobretudo, a minha imaginação (...) o que a imaginação põe no texto ou na vida é uma realidade virtual.” (pp. 213-214). Cresce pois ao longo do texto a rede do conhecimento dos outros, dos factos e das circunstâncias, bem como as notas sobre o processo de construção do saber plasmado na escrita, por processos objectivos de exame e pesquisa, que o pendor imaginativo e ficcional vem tornar mais complexos. Tudo visando afinal a resposta à questão central de Luíza, dispersando-se mas recentrando-se a cada passo: quem sou eu, escrevendo e vivendo? O eixo narrativo opera, pois, na reversão de todos os ângulos sobre uma narradora que superintende aos vários registos, fazendo toda a informação reverter sobre o enigma de si.

Neste registo reflexivo, faz todo o sentido que o texto adquira frequentes vezes a forma de poemas, mostrando bem não só o carácter

híbrido da obra em termos de género literário, mas também o modo como o fragmento invade o monólogo interior para o qual a personagem se retira, mesmo no meio de uma conversa ou de uma situação social das muitas que formam a rede romanesca. Os poemas são de vários tipos: curtos e ocasionais (“Na pátria desolada da minha alma/ um sobressalto emerge/ vindo de um tempo que se recusa/ à memória.”, p. 106); tematizam a própria escrita e as referências que informam a narradora, de aparência fútil mas servindo-se de matérias ora triviais ora cultas para concretizar o que quer dizer (“sirvo-me das palavras como droga/ (...)/Sugo-me das minhas verdades condenáveis/ faço delas o pão ralado com que envolvo/ a minha solidão o meu baudelaire/ o meu proust a minha confusão”, p. 115). Os poemas servem ainda o propósito de elaborar traços do auto-retrato, representando a “paisagem da minha alma, que é de outoniço esvaimento, árvores nuas, nuvens baixas, o espelho baço de um pântano onde não flutua, aconchegada, nenhuma flor de nenúfar.” (p. 141); na esteira desta deriva lírica, segue-se um poema duvidando da capacidade das palavras para “dizer isto”, a “lívida paisagem” que espacializa o sujeito melancólico sobre si mesmo debruçado, e à beira de um abismo que o motivo do suicídio concretiza em diversos passos (por exemplo, páginas 138, 157 a 162).

O texto vai ganhando, à medida que os capítulos avançam, uma força deceptiva — passe o paradoxo — advinda da desistência, de uma espécie de enigma em crescendo que o passo da p.106 agora mesmo transcrito ilustra; o final do livro é mesmo invadido pelo segundo painel do que a narradora vai intermitentemente escrevendo, num crescendo crepuscular: as últimas páginas (235 a 264) são preenchidas pelo manuscrito, agora, em “1984”, intitulado “Fim do manuscrito *Esta noite sonhei com Brueghel*”. Trata-se de uma escrita de sobrevivência, obedecendo ao ritual bastas vezes repetido de, esferográfica nos dentes, assinalando a pausa e o recentramento reflexivo, a sós, recomeçar a escrever: “Sento-me à escrivantina (...) e escrevo, escrevo, escrevo.” (p. 235), desvelando enfim “mistérios e enigmas” e encerrando “este ciclo do meu sonho com Brueghel há doze anos iniciado.” (p. 236). Ainda com Diogo e com os segredos que de parte

a parte compõem aquela relação, Luíza enfrenta enfim, escrevendo, o desocultar de uma gravidez ectópica e a impossibilidade de esta se enquadrar no casamento, desconhecendo ela a esterilidade de Diogo (revelada por Lili, uma personagem vinda do passado, cheia de equívocos — o menor dos quais não será o acesso a ela via Constança). O mundo recompõe-se pela narrativa enquadrada do que queira dizer “Agora está tudo bem, quero eu dizer: tudo está claro, esclarecido”, escandindo por duas vezes (pp. 235 e 264) a autobiografia que Luíza escreve. Prestes a fechar, o livro e a protagonista encontram sentido, pacificação — mas as tintas angustiosas desta recomposição do cosmos são como as do final elegíaco da “Tabacaria” de Álvaro de Campos: “(...) e o universo/ Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.”⁸

Brueghel serve de fio condutor no meio deste labirinto desesperançado: representa, por um lado, a ligação com a mãe flamenga de Luíza, cujo retrato brevemente esboçado se lê no capítulo 1 (pp. 42-43) e se acrescenta noutros passos; por outro lado, preenche a deriva onírica de Luíza, entrando dentro de uma amálgama de telas de Brueghel (pp. 43-48), sonho interrompido pela voz de Rui, e continuado pela visita ao museu de Antuérpia (“Vou a Antuérpia. Esta noite sonhei com Brueghel”, p. 48); por outra parte ainda, Brueghel ergue-se como um companheiro mental ali mesmo diante dos olhos, e elementos das suas telas servem de analogia para compreender tantas situações do mundo interior da personagem (“(...) quando Brueghel se esforçava em vão por me reencontrar e comigo percorrer os séculos de retorno, até coincidirmos.”, p. 106).

Brueghel representa, em suma, nesse encontro de Luíza consigo mesma através da escrita da autobiografia, um caminho tortuoso para ir ao encontro da História que, em episódios verdadeiros ou ficcionados, o pintor fixou, mas propicia também — e sobretudo — a reconciliação das memórias materna e paterna que instituem e fundam a protagonista (vejam-se as páginas 52-53, exemplar a este respeito).

8 Álvaro de Campos, “Tabacaria”, in *Poesia*, edição de Tresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio & Alvim — Obras de Fernando Pessoa; pp. 320-326.

Tudo, as “monstruosidades” (p. 54) ou as cenas do cotidiano que minuciosamente o pintor pôs nas telas, evocando o “silêncio doméstico da minha infância” (p. 54), confortante mas ressoando de inquietações, tudo compõe a tela deste livro de complexa estrutura. Nos seus níveis entrecruzados, na brilhante ironia a que se contrapõe a desapiedada imagem de uma mulher em busca de si, Fernanda Botelho dá-nos em *Esta noite sonhei com Brueghel* um subtil e sofisticado retrato português. Luíza é Fernanda — a sua, a nossa desassombrada efígie.

PAULA MORÃO

Outubro de 2016





— Deixa-me na outra esquina.

Ele acelera de novo, trava mais adiante, põe o carro em ponto morto e declara: — Bravo! Ganhas coragem de semana para semana. Por este andar, não tardo a deixar-te mesmo à porta de casa.

— Quem sabe? — Inclino-me para examinar no espelho retrovisor qualquer eventual vestígio comprometedor... Afasto da minha blusa de seda a mão que veio sob ela insinuar-se.

— Já chega.

— Telefono-te daqui a uns dias.

— Não antes das onze... — recomendo.

— Então sempre tens medo...

— Bem!... Talvez tenha.

— De quê? Ele, afinal, nem...

— De quê? Não queiras perceber... É uma actividade a que não te vejo dedicar muito tempo, isso de perceber os outros. E para quê, afinal? Eu, que me esforço por perceber, também percebo pouco...

— Acho-te particularmente embiocada, hoje! E tens toda a razão: perceber não é o meu forte. Reservo os meus talentos para outros efeitos... e tu bem o sabes! Não sou mau sujeito, mas...

— Já chega por hoje — volto a declarar, de novo afastando a mão dele. E prossigo: — Não és mau sujeito, não senhor. E tens os teus talentos, sim senhor!

— Muito me conforta que o digas, bem sabes como sou susceptível e vaidoso a esse respeito. Quero os meus créditos reconhecidos e divulgados —. O seu riso tem uma consonância de guizo sacudido.

— E tu? Tu não tens medo?

— Eu? — A gargalhada agora, resumiu-se a um rápido floreio sibilante: — Medo, eu? O problema é teu, minha linda. Eu nem sequer sou casado!...

— E se ele...?

— ã-ã-ã! (um cornetim entupido) Não tem idade nem físico para mim. O teu inefável marido não tem gabarito para me fazer frente.

— Não? Da próxima vez, deixas-me lá mais adiante. Pode ser que ele nos surpreenda...

— Pois não! E quando, a próxima vez? Não esta semana. Telefono-te para a outra, mas...

— Não antes das onze.

— Não antes das onze, já sei. Para esta semana, programei o cerco a um borracho —. O seu riso é gorgolejo distanciado de uma queda de água miniatural.

— Ah! A miúda da boutique?

— Essa. Mas, de qualquer forma, telefono-te depois.

— Não antes das onze.

— Não antes das onze. Tens a certeza de que o inefável não vai um dia destes resolver que é tempo de ser espontâneo, e então, só para irritar, sair a uma hora mais tardia?

— Aquilo é um ritual. Ele é um homem de rituais. Ou parece.

— E se um dia fosse ele a vir ao telefone?

— Improvisa — sugiro eu, baixando a cabeça para desenhar na saia, com o dedo, pequenos círculos invisíveis.

— E se a velha me perguntar quem sou... às vezes até pergunta... Quem digo? O Pedro da Biblioteca? O Amaro da comissão? O Teles amigo do teu falecidíssimo pai? Ou, afinando a voz, a tua amiga Constança?

Luíza ergue a cabeça e solta uma gargalhada franca. A dele, a gargalhada dele, lembra uma metralha de chuva em telhado de vidro.

— Já pensaste como seria, se ele descobrisse?

— Não. E tu?

Luíza sorri, tira da carteira os óculos escuros, leva-os lentamente aos olhos, lentamente deixa descair os braços.

— Não sei — balbucio. — Não sei, realmente.

— Dava-te uma sova? Ou, muito civilizadamente, pedia-te o divórcio? Ou, ainda mais civilizadamente, aceitava o *ménage à trois*? Ou à *quatre*, caso se lembrasse de colaborar e tivesse coragem para tanto.

Luíza fecha o sorriso, fecha os olhos. Oxalá!, pensa. Oxalá! Oxalá se importasse! E se me desancasse...

— O outro também foi civilizado, não foi? Alegrementemente...

— Um dia destes, dou-lhe a ler o manuscrito, o meu manuscrito. Como se quisesse que ele me desse uma opinião. Ou então deixo-o num sítio muito evidente, como se esquecido...

— Qual manuscrito? De que estás tu a falar?

Luíza suspira fundo: — Se bem me lembro — diz — já uma ou duas vezes te falei do meu livro, do livro que estou a escrever, “Esta noite sonhei com Brueghel”, é assim que se chama. Autobiográfico. Comecei-o há doze anos, em Bruxelas. De um jacto, quase. Uns tempos depois, deixei de lhe pegar. Foi uma fase da minha vida muito intensa, não sei hoje se insuportável, se maravilhosa, bastava-me viver. Agora recomecei. Talvez nunca o acabe. Quando voltei a ler o que há doze anos escrevi... Pareceu-me tão irresponsável! Uma brincadeira de mulherzinha ociosa. Estive para rasgar tudo! Mas depois lembrei-me de que o ... como hei-de dizer?... o tom em que está escrito define-me tal como eu era há doze anos, antes de... de tudo isto, percebes? Mas agora vai ser a sério, agora já não vai ser uma actividade lúdica, agora é como que um último recurso... Olha, não sei explicar-te melhor!

— Nem valeria a pena, sou um zero nessas coisas de livros, tu bem o sabes, como bem sabia o teu ilustre pai e meu amado mestre. E, agora que falaste no assunto, lembro-me, sim senhor, já aludiste a essa coisa...

— Essa coisa!

— Desculpa lá! — O riso dele é marulho descompensado. Então pergunta: Uma autobiografia? Edulcorada, espero. Expurgada, espero. Todas as autobiografias o são. E é mesmo uma autobiografia?

— É, embora... — Faço uma pausa.

— Embora o quê?

— Tens medo?

Ele espreguiça-se, boceja: — Por que hei-de ter medo? — Deposita em peso as mãos no volante: — Dá-me lá uma razão.

Luíza solta mais uma gargalhadinha: — Porque não alterei os nomes, os nomes dos participantes, das personagens. Não são personagens, conheço-as. Mas são personagens, sim senhor! São e não são. Não as inventei, por isso não são. Mas, no manuscrito, parecem personagens. Percebes?

— És perfeitamente chanfrada! Se o inefável te apanha essa coisa...

— A intenção é essa. Ou será, se eu assim resolver.

— E os nomes são os nomes...?

— São.

— E o meu? Eu também entro nessa...

— Entras, sim. E o teu nome é o teu nome. O teu, o da Flores... Até a Constança lá está, embora só mencionada, mais ou menos. Fugidamente.

— Tudo escarrapachado?

— Nem tudo. Às vezes, são apenas alusões. Deixo margem à imaginação de quem ler, por isso as alusões são às vezes mais significativas... E mais perigosas.

— Completamente louca, é o que tu és!

— Esquece.

— Inclino-me para o beijar no rosto: — Não digas mais nada. Nem fiques muito zangado. Telefona-me na próxima semana, está bem?

— Não antes das onze, já sei.

— Não antes das onze, já sabes.

Verifico que está irritado pela forma como mete a primeira, sacudindo a mão, como se enxotasse um insecto impertinente. Desistira das suas gargalhadas humorísticas, que, nessa tarde, tinham constituído a sua maldadezinha pueril.

— Esta agora! Só a mim...! Perfeitamente chanfrada. Põe-te a mexer, que eu tenho pressa.

Luíza abre a porta e, com um sorriso: — Até à próxima semana — despede-se, já no passeio, debruçada para a janela do carro. — E não te esqueças de me telefonar.

— Já sei. Não antes das onze. — E, sem voltar o rosto, arranca, pisando forte no acelerador.

,

1972

ESTA NOITE SONHEI COM BRUEGHEL

—
(excerto do manuscrito)

O quarto, este quarto, propõe efectivamente uma gama apreciável de distrações. Se não fosse tão confortável, tornar-se-ia assustador, pelo fascínio que a matéria exerce sobre os espíritos débeis, influenciáveis e sensitivos. Tal é, em síntese, o meu auto-retrato, a que se acrescentará, como toque final (porventura não tão final como isso!), uma notável tendência para a evasão burlesca ou romanesca, indiscriminadamente em tudo: tão depressa me sinto pássaro de colorida plumagem debicando alpista em sacadas de Julieta, como silenciosa escrava em bordel marroquino para tropas do deserto! — devaneios cultivados por ociosidade ou recreio, por voluntariedade ou incontinência (“Incontinência”, salientaria o meu Bigodes, talvez com alguma razão, mas ele é suspeito, tem impudores de rigorista preconceituoso).

Chega, porém, de me falar de mim, quem sabe se o auto-retrato é este ou se estou apenas a inventar-me para o cenário onde me deixaram, apenas a colocar uma personagem no teatro tecnológico onde me deixaram, onde me deixou o Bigodes, logo de manhãzinha, para apanhar o autocarro dos congressistas, sem reparar, como é evidente, no cenário fascinantemente assustador ou vice-versa, que abandonava aos meus vícios mentais. Que outros não tenho. Onde também me deixou, depois de depositado o tabuleiro do pequeno-almoço, o rapaz discreto como um espião de James Bond, loiro, loiro, loiro, na

peugada de um aroma a café e com uma voz leitosa a escorrer um *bonjour madame*, vertido à pressa para a nebulosidade do meu sono, voz assaz doce para não me deixar indiferente, mas um tanto disciplinada, profissional e curricular para me afastar uma tristeza nostálgica. E se ele saltasse da janela para a carpete e me arrebatasse, transfigurado em Thyl Ulenspiegel do século vinte, afiambrado na camisa branca com colete às riscas, me arrebatasse a este destino provisório de viúva provisória e à tirania dos botões e do *massage-boy*, por quem vou dentro em pouco ser alegremente violada?

Pois, perdida no universo tecnológico de meu quarto, todo botões e conforto, depois de saciada a minha sesta na leitura dos desdobráveis turísticos, acabei por sucumbir à tentação de gastar cinco francos por uma violação — só para ver como era e, quem sabe?, desmaiar de volúpia e reacordar nos braços do meu trânsfuga e angustiado marido, quando ele regressasse da sua eficiência e maturidade — se é que ele alguma vez regressa desse mundo disciplinado e adulto, a não ser por distração ou por transitório, oh! tão transitório! muito transitório descontrolo mental. Pois foi assim: segui as instruções apenas ao *massage-boy*. Depois de me ter alongado sobre a cama, estendi o braço para enfiar os cinco francos da violação na ranhura correspondente e aquilo começou: a promessa de uma euforia após o *relax*, compromisso entre mim e o *massage-boy*. A cama vibrou toda, ao ritmo de um motor em surdina, e eu, sobre ela, deliciava-me de expectativa. Os minutos passaram sacudidos como moscas varejeiras e, subitamente, tudo cessou, como o descanso do sétimo dia da Criação, brotada do caos, com a broca arrumada do depósito das ferramentas. A euforia não veio mas o *relax* persistiu, ignoro se mais acentuado, se menos. Seja como for, toda eu, antes do *massage-boy*, era já *relax* até à exaustão; agora, no entanto, fora-se a exaustão do *relax*, de tal modo aquilo estava a divertir-me, tudo aquilo fora divertido (tudo aquilo, o quê?) — curto mas divertido; apanhei o gosto da investigação sistemática e, como corolário, comecei destemidamente a carregar em todos os botões, à espera de que de um deles me saísse um génio de Aladino, embora eu preferisse para todos os efeitos que, sobre a carpete, saltando da janela, surgisse o Thyl aventureiro e folgazão, a arrebatá-me ao mundo enfastiado para

me levar em improvisada garupa a ver a sua terra, o solo que ele beijaria como se beija a mulher amada (Ah! Estas leituras, estas leituras!).

Com *massage-boy* ou sem *massage-boy*, o corpo reclamava-me atividade e foi por isso, e por nenhum outro motivo, que peguei no telefone sem conhecer para o gesto qualquer objectivo. Quando me responderam, pedi um chá. Indicaram-me o número que competia ao chá e eu, submissa, cumpri o indicado. Logo me arrependi, porém demasiado tarde: lembrei-me de que não me apetecia chá só quando o chá já estava encomendado. Saltei ao toque do telefone: embora não fosse a aventura, sempre era uma voz — a de Elvira, que regressara da excursão.

— Luíza, Luíza, comprei umas rendas lindas! E nada caras! Um espanto! Quer vê-las?

— Venha até cá.

— O.K.! Estou aí num minuto.

Luíza enfiou o roupão e foi abrir a porta, por onde, uns minutos depois, entrou uma Elvira palpitante de vermelho.

— Você não sabe o que perdeu! O almoço foi um assombro! Um assombro! Creio que todas nós bebemos um bocadinho acima da conta! Uma tara! Isto é: nem todas beberam, houve duas ou três que se mantiveram numa prudência abstinência. Prudência abstinência — ouviu isto? Diga lá se não é uma tara! E o Gonçalo ainda afirma que eu falo mal, imagine! Prudência abstinência! Que giro! As velhotas, claro! Aquelas com achaques! Se é que há de outras...! Mas houve quem lhe chegasse! Mesmo entre a velhada mais velhada! Aquela inglesa de pescoço alto, lembra-se? — Aquela de amarelo, que se veste sempre de amarelo — ou, pelo menos, parece. Parece uma gema. Eu até disse ao Gonçalo qualquer coisa do género, mas o Gonçalo, coitado!, referiu-se ao inglês marido dela. Parece que é dos grandes, um pediatra notável ou qualquer coisa no género. Mas é muito feio! Fei-i-i-íssimo! Ela também, mas chegou-lhe bem, foi das que se atiraram. Ao vinho e a um dos *garçons*, creio que italiano, um espanto! Ele, claro! Não muito alto, isso não, você sabe o género, mas lindo, lindo, lindo! Oiça cá, não estão a bater à porta?

— Ah! Esquecia-me completamente. Deve ser o chá.

— Chá? Você gosta de chá?

— Depende.

O rapaz entrou com a bandeja, sorriu, depositou a bandeja, sorriu, saudou e desapareceu lentamente.

— Hi! Hi! Depende de quê? De quem lho traga? Nada mal! Embora eu goste mais deles a atirar para o moreno...! Lá o nosso italiano era morenaço, e a inglesa, coitada!, estava taradinha de todo! O rapaz ficou alucinado. Embora já deva ter experiência... Um tanto atrevi-dote! Quando eu lhe perguntei se aquilo lhe acontecia muitas vezes, ele chegou-se a mim, quase a falar-me ao ouvido... Apanhou-me desprevenida e eu nem pude fugir-lhe. Pus-me a rir, era o melhor que eu tinha a fazer, afinal ele não foi malcriado, nem nada!

— E que lhe disse ele? Ou é segredo?

— Oh! De maneira nenhuma! Uma tara! Se todas fossem como a senhora... Foi o que ele me segredou, quase colado ao meu ouvido. A francesa estilizada, a mulher do dr. Qualquer coisa Désiré, ficou como uma bicha. E a mim importa-me! Quer todos os homens para ela, mas que se acautele com o Gonçalo! Homessa! Ela e a inglesa amarela são dois vampiros, já reparou? Homessa! Quem diabo lhe telefona para aqui?

— Allô! Sim, sim, está aqui. Quer falar com ela? Muito bem, eu digo-lhe.

— Falar com quem?

— Consigo. Era o seu marido. Acaba de chegar. Precisa de saber onde está o laço do *smoking*.

— É um chato. Afinal não lhe mostrei as rendas. Ficam aqui para mais tarde. Vai ao jantar?

— Penso que sim.

— Não me apetece nada comer, o almoço foi de gritos. Mas tenho de acompanhar o Gonçalo. Se tiver ocasião, não deixe de ir a Bruges. E não só para comprar rendas. Posso dar-lhe o endereço dum restaurante, que é um regalo. Para os olhos também. Sob vários aspectos, além do panorama que dá para o lago. Hi! Hi! Está a capiscar? Bem, deixa-me ir, caso contrário o Gonçalo frita-me em azeite a ferver. Às vezes é um chato. *Bye, bye!*

Cruzou-se à porta, num embate assaz comprometedor, com o Rui.

— Então que tal correu hoje o dia? — pergunta a Elvira, esfregando impudicamente o seio direito.

O Rui trespassa-se para o interior do quarto, facilitando com uma vénia a saída de Elvira; hasteia, porém, a profana mão esquerda, como que a purificá-la do embaraçoso contacto, e, balbuciante, vai dizendo que o dia tivera muito interesse, embora um tanto... um tanto... Bem! Houvera uma certa dispersão, felizmente por um período... um período não muito longo, porque...

— Vocês estafam-se! Eu cá sinto-me divinamente. A Luíza que lhe mostre as rendas. *Ciao!*

E, corredor fora, voltando-se a tempo, antes que o Rui fechasse a porta: — Encontramo-nos no bar. Ponham-se bonitos.

— Que fizeste hoje? — pergunta ele, depois de tirar o casaco e enquanto alarga o nó da gravata. — Vou tomar um bom duche. A sala estava terrivelmente aquecida. Ainda não estás pronta?

— Só me falta pintar o olho e enfiar o vestido.

- Achas que devo fazer outra vez a barba? Não, não me parece. Ainda está lisa. Amanhã aparo o bigode. Afinal que andaste a fazer?

Luíza encosta-se à porta da casa de banho.

— Falas da tua barba como se ela fosse de arame. Andei a mexer em botões.

A água jorrou violentamente do chuveiro e ele sentou-se para tirar as peúgas: — Não percebi o que disseste. Andaste o quê?

— A mexer em botões.

— Escusas de gritar. A água está a ferver, livra! Para hoje, já tenho a minha dose de calor. É que, se abrimos uma janela, criamos o problema da corrente de ar. No fundo, não creio que o ar condicionado seja uma solução óptima. Precisa de estar muito bem regulado e, mesmo assim, suponho que há camadas atingidas acima ou abaixo da temperatura.

— Os Belgas gostam das casas muito aquecidas. Nas lojas é a mesma coisa.

— Olha lá, porque ficas aí à porta? Não seria melhor entrares? Com o barulho da água, nem te oiço!

— Não queria ofender o teu pudor. Nunca sei quando estás...

— Não sejas criança. Onde puseste a esponja? Não te importas de ma chegar? Não é aí o lugar dela, mas contigo nunca se sabe.

— Espera só um bocadinho. O telefone está a tocar. Apanha lá a esponja!

— Desastrada!

Quando voltou, o Rui saía fresco de sob a cascata: — Chega-me aí a toalha. Quem era?

— O Gonçalo.

— Que queria ele?

— Saber se a “tarada” da mulher ainda cá estava. Foi mesmo assim que ele perguntou. Disse-lhe que não, que já se tinha ido embora. “Aposto que encontrou alguém por esses corredores e ficou a dar ao badalo.” Disse-lhe que era possível e aconselhei-o a ir ver no corredor. Replicou-me que estava em cuecas. Compreendi a objecção. O Gonçalo, afinal, já tem a sua barriguinha cinquentona. Não é como tu, um querido franzininho, um Bigodes muito querido!

— Vê lá se tens juízo! Para o que te havia de dar! Não te importas de me dar o roupão? Onde o puseste?

— Algures por aí. Um momentinho.

Da casa de banho para o quarto, o Rui ergueu a voz para perguntar: — Afinal o que andaste hoje a fazer? Não há meio de conseguir que me respondas. Conta lá. Obrigadinho, minha querida, és um amor! Mas, se o pusesse onde devia estar, não tinhas que andar à procura. Pena eu estar tão estafado... mas já me sinto muito melhor. Ena! Também cheiras bem. Não te parece que o roupão ainda está húmido? Claro, não foi pendurado como devia... Deixa lá! Assim sem pintura é que eu gosto de ti. Vou estender-me um bocadinho na cama. Não queres vir para junto de mim?

— Já lá vou. Deixaste aqui uma poça de água.

— Quem será agora?

Luíza vai abrir a porta. Entra o rapaz loiro para recuperar a bandeja. Entra com um sorriso capitoso e um andar fluorescente. Olha para a cama, volta-se para a mesa, mas estaca, vendo o serviço intacto.

— *Madame...*

— Pode levar, não me apeteceu...

— O tipo deve ser doido — esclama o Rui. — Entrou a olhar para mim com um sorriso escancarado e, sem transição, fica como se tivesse engolido um pau.

— Surpreendeste-o. Esperava-te vestido de encarnado e com o cabelo *cendré*.

— Que estás para aí a dizer?

— Que ele prefere o tipo da Elvira ao teu, é muito simples.

— Não digas mais, estou a perceber.

— Talvez o rapaz não goste de bigodes.

— E tu? Gostas ou não?

— Já é tarde para perguntas. Atrofiaste o que havia de maternal no meu amor por ti. É imperdoável. Sempre gostei de efebos imaturos, foi por isso que casei contigo, sou uma frustrada.

— Daqui por alguns anos, quando formos mais velhos, rapo o bigode. É preciso que as pessoas...

— ... te tomem a sério, já sei!

— Deita-te aqui um bocadinho, junto do teu Bigodes. Anda cá.

— Não me apetece. Já tive hoje a minha euforia quotidiana com o *massage-boy*.

— Com o quê?

— O *massage-boy*. Essa coisa aí a teu lado.

— Que disparate! Quando deixarás tu de ser tão infantil?

— Quando rapares o bigode e eu descobrir que o meu efebo se transformou numa carcassa búdica.

— Não recomeces a pegar com o meu bigode. Que mais fizeste hoje?

— Se queres realmente saber, se me deixares falar até ao fim, repito-te que andei a mexer em botões. Os botões da música, os da televisão, os das luzes... Enquanto tu, meu pobrezinho, esfalfavas o teu cérebro adulto com problemas pediátricos e comunicações altamente especializadas, muito de gente crescida, a tua mulherzinha brincava com botões. Para começar, esses milhões de botões da televisão. Um milhão de canais. Apanhei uma mesa-redonda sobre tecnologia, uma entrevista, em cadeia, de gente ligada à literatura, ao teatro, eu sei lá!

Ouvi o Sacha Distel num *show* fabuloso. Assisti a uma série tenebrosa, com um conde de monóculo *versus* uma organização maquiavélica do ano dois mil e quinhentos. Depois apareceu-me uma palestra interessantíssima, mas, como era em alemão, não percebi patavina e, claro, carreguei noutro botão. Caí sobre uma rapariguinha muito bonita a dizer coisas mimosas, depois veio um casal de exploradores da selva... Carreguei noutro botão e saiu-me a Micheline Presle numa série muito chata que eu já conhecia de Lisboa. Mudei para os botões da música, mas caí em pleno noticiário. Qualquer que fosse o botão, era o noticiário. Em todas as línguas universais, uma orgia! Sabes que cheguei a ouvir a Amália?

— O Abril em Portugal, claro!

— Não, uma droga em espanhol.

— Entretanto a Elvira comprou rendas em Bruges e disputou um italiano à inglesa côr de gema.

— Eh! Por que não vens pintar-te para aqui? Assim mal te oiço!

— Deixa lá! Aquilo que estou a dizer também não tem importância. E, além disso, é muito difícil fazer a *maquillage* e, ao mesmo tempo, dizer coisas.

— Falaste da Elvira?

— Pronto! Escusas de gritar. Agora é só enfiar os *collants* e o vestido e... Bem, bem! Também já estás a vestir-te? Julguei que ... Deixa, deixa, que eu atendo! Acaba de te vestir. Alô! Então como vão as coisas? Já recuperou a Elvira?

— É o Gonçalo?

Luíza acena que sim e continua a ouvir: — Está bem, não tem importância, nós esperamos.

Quando poisa o telefone, Rui estende-lhe o pescoço e o laço: — Põe lá isto. O que era agora?

— Deve ter havido bronca. Era para dizer que estavam um bocado atrasados.

— A Elvira...

— Bem, eu não tenho a certeza de que tenha havido bronca. A voz do Gonçalo até estava boa.

— Então por que pensas que houve bronca?

— Por isso mesmo.

Rui esganiça-se, uf!, para que o laço assente bem e murmura ortodoxamente: — Lógica feminina! —. Olha-se ao espelho com um certo descontentamento: — Talvez tivesse feito melhor em me barbear. Paciência! Agora vai mesmo assim. Estás pronta?

— Achas que estou bem?

— Estás sempre bem — responde ele, ainda meio voltado para a sua imagem (dele) no espelho.

Ao empurrar a porta do quarto, agarra no braço de Luíza e sussurra-lhe: — Tenho a impressão de que o Gonçalo muitas vezes se deve ter arrependido... *Bon soir, madame!* Quem é esta, sabes?

— É uma das senhoras que vão nas *excursions pour dames*. Deve ser mulher dum dos teus colegas.

— Ah! Deve ser a mulher do húngaro.

— Não, não creio que seja a mulher do húngaro.

— Como sabes tu?

— A elegância é francesa.

— Um tanto caduca.

— A elegância não se mede pela idade. Aliás, toda esta gente é caduca, salvo raras exceções.

— Luíza, minha querida, às vezes surpreendes-me. Não te considero caduca, muito pelo contrário. Estes elevadores automáticos... *Bon soir, Docteur! Bon soir, Madame! Ah! Oui! Nous voilà!* — E, debruçando-se para Luíza: — Estes é que são franceses.

— Fixe! Que ias tu a dizer a respeito do Gonçalo?

— Do Gonçalo? Ah! Sim! Era a propósito da Elvira. Não lamentará ele muitas vezes ter deixado a primeira mulher?

— Deve depender das circunstâncias e das ocasiões. Na melhor das hipóteses. Porque não acredito que ele lamente coisa nenhuma.

Subitamente vejo-me só na semi-obscuridade do bar. Afundo-me num *pouf* e aguardo que o *garçon* se chegue a perguntar-me o quê. O Rui absorveu-se num grupo de cavalheiros necrófagos e o bigode dele movimentava-se com solene regularidade. Sinto-me sozinha e amo-me neste isolamento. *Sans blague!* Pois recuso com moderada delicadeza o convite que me fazem três senhoras na mesa do canto para

me reunir a elas. Suponhamos que tenho uma enxaqueca e aguardo um *whisky* para me restabelecer. Faço umas sinalefas eloquentes e o *garçon* digna-se aproximar-se. Um *whisky* com água lisa e gelo, pouca água e pouco gelo. E seja o que Deus quiser!

Evado-me da sofisticação dos estofos, ultrapasso a rutilância dos copos e garrafas arrumados, sem me deter na jaleca vermelha do *barman* (que é moreno e usa patilhas) (afinal, sempre me detive um bocadinho no *barman*, embora o facto nada signifique de concludente), ultrapasso o *barman* e subo até às reproduções de Brueghel, onde se pavoneia gente demasiado distraída com as suas irreverentes ocupações para se dar conta da envolvência novecentista subjacente, com emanções alcoólicas pesadas de progresso, de técnica e de morigeradas bebedeiras. A gente de Brueghel ostenta com desfaçatez a sua vocação primária para o vício incorrupto, tanto quanto para um casto e regozijado amor à terra pródiga — mas que significa isto, afinal? Talvez signifique desperdício, muito simplesmente. Muito simplesmente desperdício! Mas onde viveu esta gente, em que galáxia, em que mundo? Confesso que aquele homem gordo de chapéu à banda, com pernas em forma de presuntos esticados e mangas enfoladas para arejar o suor, confesso que me perturba, a mim, que fossilizei as minhas aventuras mentais em tipos escorridos, apertados em blue-jeans e com barba mal despontada. Detesto aquele homem gordo, mas ele perturba-me. Não sei o que pense dele, certamente nada de lisonjeiro, porém profundamente marcante. Detesto-o (ou assim o julgo), mas ele excita-me, ou talvez seja apenas fascínio o que sinto, declaradamente ao nível mais baixo da minha vileza humana. Mas ele excita-me: balofo, perverso, truculento e exibicionista, é certo que nesse fim-de-tarde vai arrastar a succulenta camponesa com quem troca o passo naquela dança inquietante, vai arrastá-la para a relva, talvez debaixo de um choupo, talvez para um campo de trigo, talvez para um pomar deserto a transbordar de aromas ambíguos de entre suco-e-sexo, talvez para a meia-luz de um celeiro tranquilo sobre os gemidos do estrelado feno, talvez para o umbigo da terra acordado ao cacarejar das galinhas, certo é que vai arrebatá-la aquela engordada fêmea para algures, onde, cheirando a cerveja entornada e exalando

odores de toucinho e mel, escorrendo um suor quente e pegajoso e balbuciando palavrões empastados, ele, o malandroco!, lhe erguerá as fartas saias, para lhe beliscar com ardor os refegos húmidos e palpitantes.

Quem pode resistir à truculência de um bebedor de cerveja? As rubicundas donzelas de Brueghel beberam o leite directamente das tetas da vaca, pulsa-lhes a terra fértil nas faces rosadas e nos sovacos felpudos. As alvas coifas são-lhes arrebatadas pelas robustas mãos de camponeses fortalhões e os enormes aventais desenhavam com alegre relevo os ventres que o húmus abarrotou de trigo e lúpulo. Há uma explosão de fertilidade ou do seu desejo, desejo de fertilidade, o amor que se faz antes de ser acto, quando ainda é só a promessa a cumprir-se irremediavelmente, pois que todas elas, elas, essas criaturas pançudas com virgíneos aventais, de nada mais precisam que de um olhar libidinoso, mais guloso que sensual, para ficarem grávidas de uma vida vermelha como uma papoila e sonora como uma cornamusa — a vida impoluída e farta dos campos abertos da Flandres.

— Mais uma pedra de gelo, *Madame*? —. Luíza abre os olhos, fixa vagamente a jaleca vermelha e, com precipitação, faz um aceno negativo. No momento em que leva o copo aos lábios, encontra o olhar do marido, que se aproxima e se debruça para ela: — Como vai isso?

— Ótimo! — e insiste: — Ótimo! —. Rui regressa aos necrófagos e, pelo caminho, assaz sinuoso, para contornar os obstáculos vivos, cruza-se com uma das senhoras de triunvirato, com quem troca um breve diálogo aberto em sorrisos: a senhora, com um copo na mão em equilíbrio instável, de tal modo o sacudi quando se sacudi a rir, no remate do breve diálogo. Chegou-se a Luíza e dirigiu-se-lhe em francês: — Venha para junto de nós, *ma petite*! Não gosto de a ver tão sozinha. A nossa *madame* Robert está a contar umas historinhas maliciosas e sabe um montão delas.

Sinto-me cheia de reconhecimento, disposta a preterir o meu prazer solitário com os camponeses de Brueghel, um prazer quente como o pão a sair do forno, porém desnaturado pelo gosto de *whisky*. Bebo mais um golo e ergo-me, disposta a chegar imune às deliciosas anedotas de *madame* Robert, atrás do labiríntico rumo da sua divertida

amiga. Mas, antes de atingir para esse efeito a verticalidade, pesa-me no ombro a mão de alguém, grande e almofadada.

– Sente-se – diz-me Gonçalo, sentando-se também.

Aflora-nos uma voz feminina, originada no outro lado de mim: – Deixo-os a flirtar à vontade –. É uma senhora simpática, que, antes de se afastar (como veio ela ter ali?), me lança um olhar a transparecer generosidade sobre um azul esvaído.

– A maluca da Elvira nunca mais acaba de fazer a *maquillage*. Já não tenho paciência para aturar estas coisas. Que está você a tomar?

– Um *whisky*.

– Julguei que não gostasse.

– Também eu. Mas depende.

– Bem. Vou pedir um para mim. Na minha idade, precisa-se de estímulos. Não diga isto a ninguém, desacreditar-me-ia. Os médicos não podem ter fraquezas. Mas a Elvira dá cabo de mim.

– Se quer falar com o Rui, ele está ali, naquele grupo cerrado, só para homens, todo ele vestido de preto, com vagas manchas brancas.

– Você às vezes tem piada! Mas eu já o vi. Falo-lhe depois, deixe-me acalmar.

Quando voltou com o *whisky*, vinha mais resignado, pelo menos aparentemente: – Só assim, muito diluído com soda – explica. Engole meio copo de um fôlego e, em seguida, num sussurro, confidencia-me: – Eu devia ter encontrado uma mulherzinha como você. Tão sensata! Por onde andava, nesse tempo?

Penso, regozijada, no que diria Constança se eu lhe contasse este despropósito do Gonçalo: – Se quer que lhe diga, não sei bem – respondo. – Posso contar-lhe a minha vida em dois tempos, enquanto você esvazia o seu copo. Sempre me senti atraída pelo incompleto... uma coisa nem cá nem lá! Porque eu também sou assim, um compromisso entre uma coisa e outra, está a perceber? O meu primeiro namorado a sério era extremamente *sexy*, mas dotado de uma beleza muito feminina. Um nadinha vicioso. Entendíamos-nos bem. Até pensámos em ter um menino, mas não perseverámos. Porque ele, afinal, só queria um *álibi*, que lhe facultasse, de futuro, um alvedrio definitivo para as suas actividades... solicitações não muito ortodoxas!

Eu aleguei que essa era uma responsabilidade excessiva para uma frágil criança...

— Luizinha, Luizinha! Você já entrou nos copos!

— De maneira nenhuma! Continuando a minha história... Entretanto tinha eu acabado o curso complementar e pensava seriamente nas oportunidades vocacionais. Sou uma pessoa dotada: sempre manifestei um interesse múltiplo, no que se refere a vocações: escritora, jornalista, atriz, musicóloga, madre superiora, asceta de um tipo definitivamente contemplativo... Acabei por me decidir pelas Belas-Artes, mas hesitei. O dilema era terrível: iria eu enveredar pela arquitetura, pela escultura, pela pintura? Era tudo tão bonito! Foi então que me apareceu o Rui, coitado!, tão jovem e já tão lançado para o mundo das responsabilidades! Apeteceu-me chorar, quando ele mandou fazer um fato cinzento e despiu as adoráveis pantalonas com que ia para todo o lado. Enterneceu-me tanto que resolvi ser ele a minha vocação. Era um maturo prematuro e eu gostava imenso dele.

— Muito bem! Muito bem! Isto está a encher-se. Sabe quem é aquela rapariguinha que acaba de entrar?

— A loirinha? Penso que é filha de um dos congressistas. Fala inglês.

— Deve ser o Forrest. Ainda se parece com ele. Para muito melhor, claro!

— Claro!

Gonçalo respira pujantemente e bebe mais uns golos: — A juventude é uma coisa maravilhosa! — exclama a seguir.

— Sob esse aspecto, você não está nada mal servido. Tirando a Forrestzinha, a Elvira deve ser a mais nova e trepidante dama participante. Ela e eu.

— A Elvira estafa-me. *Bon soir, docteur! Bon soir, Madame! Ça va bien?* Querem sentar-se?

Madame sentou-se, mas era abstinência. O marido senta-se com uma cerveja na mão: — Refrescante. Diurético. Maravilhoso.

O trio fecha-se num círculo de *poufs*, um tanto recuado, e Luíza pressente à sua volta uma zona desimpedida. Estou só, novamente só, mas adivinho um próximo assalto de demónios tentadores. Subtis.

Subversivos. Sinto que me afloram as pernas com narizes sedosos. Mas serão realmente demónios? Responde-me tu, Brueghel: podemos sentir no corpo os cheiros e as cores, mesmo no corpo, como se fôssemos só corpo e só por ele as coisas nos penetrassem? Osmose...

— Oiça cá, Luíza! Não viu por aí o Gonçalo?

— Está mesmo à sua frente. De costas voltadas.

Gonçalo ouviu. Ergueu-se de peito saliente: — Que se passa contigo, ó louca das loucas, que nem me vêes? E eu aqui tão perto, sempre tão perto e tu sempre sem me veres!

— Ora! Com esta falta de luz! E, além disso, doem-me os olhos. Você é um sádico. Um sádico!

Senta-se aconchegada a Luíza, no mesmo *pouf*. Num sussurro, pergunta: — Que tal estão os meus olhos?

— Como de costume. Talvez com um pouco mais de azul...

— Claro, você diz isso para me animar, mas eu sei que estou horrível. Aliás, como pode você ver qualquer coisa com uma luz destas! — E para Gonçalo, em voz mais alta: — Oiça cá! Por que não se senta? Vai passar o tempo a olhar para mim? Acha que vou suportar a sua crueldade? Sente-se que a sua altura não me mete medo. Nem o seu peso.

— *Garçon*, mais uma cerveja —. O marido da senhora abstémia adere aos *poufs* da zona desimpedida. A senhora abstémia inclina-se para falar com Elvira. A língua portuguesa parece-lhe um bocadinho dura... Não percebe nada do que se diz, embora tenha bom ouvido para os sons... Parecem-lhe realmente um bocadinho duros... só um bocadinho... um nadinha. Um nadinha!

— Peregrina observação! — murmura Elvira, ao ouvido de Luíza. — *Oui, Madame!* — exclama para a vizinha. De novo ao ouvido de Luíza: — Que hei-de eu dizer a esta simpática anciã? Dê-me uma ajuda.

— Explica-lhe, querida esposa, que a língua portuguesa é um mimo de doçura, a tua voz é que a estraga.

— Vá à fava! Olhe, Luíza, lá vem a inglesa amarela. Amarela como sempre. É um ponto. Gosta de homens que se farta. Tenho que defender o monstro do Gonçalo. Sim, sim, és um monstro, um monstro, um monstro!

– Sossegue, bem sabe que ele...

– E tu és... Bem, prefiro não discutir.

– ... bem sabe que ele não gosta de mulheres entradas. Já reparou que, tirando você, a Miss Forrest e eu, tudo o mais pende para o maduro. Dentre as mulheres, quero eu dizer.

– Quem é essa Miss Forrest? É aquela esgrouviada de pelo escorrido?

– Essa mesma.

– Ele que se livre!

– *Oh! Madame!* O seu marido tem tanto espírito —. É a senhora abstmia a falar, inclinada do *pouf* dela para o meio-*pouf* de Elvira.

– O meu marido? Ela está a falar de ti, Gonçalo? Onde tens tu o espírito? Sim, *Madame*, às vezes rimo-nos muito. Quando chega a casa, é uma delícia, basta que o dia lhe tenha corrido bem, que não tenha tido dores de estômago, que os doentes não o tenham irritado, que o jantar lhe agrade e que não haja chamadas ao domicílio em perspectiva.

– *Oh! Madame!* Bem sei o que isso é. O hospital é muito absorvente. O meu marido anda muitas vezes terrivelmente deprimido.

– Então, minha querida, continuas óptima?

– Eu continuo óptima. Antes de voltares para os necrófagos...

– Para os quê?

– Lá para o teu grupinho. Antes de voltares para o teu grupinho, pede-me outro whisky.

– Achas que aguentas?

– Sou mulher para isso.

– Está bem, criança! Ó Gonçalo, você não quer vir para ali?

– Daqui a bocadinho. Estou ainda a recompor-me de muitas e variadas emoções.

– *Garçon*, outra cerveja.

– E mais um *whisky* para esta senhora.

– Julguei que não gostasse de *whisky*.

– Depende.

– Sim, sim, tem realmente fluência, não o nego. Mas é um bocadinho dura. Não achas, Lucien?

– Acho que a cerveja é uma delícia, isso sim!

— Gosto de te ver bem disposto, *mon chéri*! É tão raro! Anda às vezes tão deprimido. O hospital...

— *Good afternoon!* — intervém a inglesa, numa saudação sem objectivo determinado, porém sorridente.

— É a mim que você pergunta o que é que ele tem? Você nem faz ideia, Rui! Pois não teve o descaramento de me dizer que a Constança bem o tinha prevenido antes de ele ter casado comigo?!

— A Constança? Que Constança? — inquire Rui, baralhado.

— A primeira mulher do Gonçalo — responde Luíza, prontamente.

— A primeira vítima! — explode Elvira.

— *Good afternoon!* — ressaúda a inglesa.

— *Good afternoon* — responde Elvira. E, num sussurro, voltada para nós: — Esta hoje já me deu água pela barba. Foi por causa dela que tudo começou.

— Que lhe fez ela?

— Ela, nada! Eu ia contar ao Rui... Onde está ele?

— Olhe, está ali encostado ao bar.

Que abismo entre ele e o gorducho concupiscente e rapioqueiro, no quadro mais acima! Que faria Brueghel do meu Bigodes, todo presumido de seriedade, de copo na mão e ouvido atento aos propósitos serenos e meditados de um senhor de cabelos brancos! O meu menino crescido! Que faria Brueghel daquela ausência de colorido, daquela falta de relevo, daquela exacta medida e perfeito compromisso? Menino bem comportado, que os diabos privaram de tentações e de paixões — o meu amado Bigodes! Vá, ergue a cabeça e pensa numa loucura! Despe com a imaginação a camponesa farta e morde-lhe os leitosos seios até sentires na boca um arrepiante gosto de algas esmagadas!

— ...e isto só porque fiquei a falar com ela um bocadinho e não fui num pulo atender-lhe os caprichos. Atirou-me logo com aquilo da Constança. A inglesa amarela tem o quarto no mesmo andar do nosso. Demos de caras uma com a outra. Ela estava eufórica. Por causa do italiano de Bruges, claro! E dos copos que engorgitou. Ainda nos rimos um bocado! Depois, quando cheguei ao quarto, fartei-me de chorar. Acha que se nota muito? Seja sincera.

— O *whisky* é para a *Madame*?

— É, sim. Pouca água e pouco gelo, por favor! *Merci*, não, não se nota. Você carregou-lhe no azul, tapou tudo. Tem o olho luzido, ficou-lhe bem.

— Que sorte! Será por isso que este bebedor de cerveja está a olhar tanto para mim? Mas para onde foi o Gonçalo?

— Está ali ao canto, a falar com o doutor e Mrs. Forrest.

— E com a esgrouviada da filha. Odeio-o. Ó Gonçalo, não te importas de chegar aqui? O diabo do homem faz ouvidos de mercador, está a ver?! Diga-me se não é de perder a paciência.

— Divorcie-se dele, se o odeia. A si não lhe faltam pretendentes.

— Quero lá saber dos pretendentes! Aquela Forrest de cueiros é que me está a atravessar.

— Diga-me, querida senhora: não foi realmente um belo passeio o que hoje demos a Bruges? Como se chamava o restaurante onde estivemos? Aqui o querido doutor gostaria de saber o nome.

— Maravilhoso! *Wonderful!* Eu dou-lhe o prospecto. Pedi-o àquele criado moreno, lembra-se? O prospecto está junto com as rendas. Ó Luíza, diga ao seu marido que atraia o Gonçalo para estas bandas.

— *Madame*, a senhora está linda!

— *Lucien, mon chéri!* Eu, no teu lugar, não bebia mais cerveja.

— Rui!

— Não ouviu. Ou então faz-se surdo. Volte a chamá-lo.

— Ru-u-u-u-i!

Rui volta a cabeça e olha Luíza, que lhe acena com a mão. Curva-se quase imperceptivelmente perante o senhor de cabelos brancos e depois encaminha-se para mim.

— O que temos agora? Estava tão interessado...

— Rui, por favor — intercepta Elvira — chegue-se ao Gonçalo e diga-lhe ao ouvido que, se não deixar de fazer olhinhos àquela loira escorrida, vou lá e arranco-lhe os cabelos que lhe restam.

— Elvira, por favor! Você é desnorteante... desnorteada! Como quer que eu dê um recado desses ao seu marido? Ele adora-a, você bem sabe! Está a imaginar coisas.

— Oh! O bonito português! A sua mulher é um encanto! Conversamos muito hoje, em Bruges. Um restaurante fabuloso!

— Eu, *madam*... Eu não sou... Ó Elvira, safe-me desta com o seu inglês. Francamente, já não tenho idade para estas tolices!

— *Wonderful!*

— E você a armar aos cágados com a idade! *Madam*, ele não é...

— *Wonderful!*

— Deixe lá! Não me importo, eu! Deixe-a pensar que o Rui é o seu marido, desde que...

— Eu bem lhe disse que esta inglesa é maluca. Veja só! Já está a atirar-se ao Rui.

— ... desde que seja só na imaginação dela.

— Você já deve ter bebido acima da conta! Para que diabo queria eu o seu Rui? Para marido, já me chega o Gonçalo. Até acumula. Tomaram muitos juvenzinhos...

— Magnífico! Olhe só, o meu Bigodes já está a descartar-se da inglesa.

— Tomaram eles! Foi assim que há bocadinho nos reconciliámos.

— Anh! Então chegaram a reconciliar-se?

— O Gonçalo não pode ver lágrimas. Excitam-no.

— *Wonderful!*

— Luíza, que raio de confusão fez esta inglesa? Quem a ouvisse, diria que tinhas estado em Bruges, a namorar escandalosamente um Rodolfo Valentino da indústria hoteleira!

— Não te preocupes! Talvez aconteça amanhã...

— Você vai ou não vai falar com o Gonçalo?

— É pena, porque o Rodolfo Valentino não é o meu tipo. Realmente não. Se eu desatar a chorar, que é que tu me fazes, Rui?

— Eu bem te disse que não bebesse tanto. Já não estás como devias.

Luíza afasta-o com o braço e levanta-se. Dirige-se para o canto dos Forrest e segreda ao Gonçalo, que se inclina para a ouvir: — A Elvira manda dizer-lhe que, se não para de fazer olhinhos à Lolita crescida, vem cá e arranca-lhe os cabelos que lhe restam.

Gonçalo cofia uma barba imaginária, extremamente concentrado. Sempre cofiando a barba imaginária, murmura entredentes: — É mesmo capaz disso! Diabos a levem!

— É a sua mulher? — pergunta a Forrest-mãe.

Gonçalo explica, com uma súbita desenvoltura, que Luíza é mulher do colega português e pede licença para se afastar. Um momentinho! Luíza vai-lhe na peugada, mas é detida pela voz da Forrest-mãe, que lhe pergunta se gostou de Bruges.

Luíza hesita na resposta, gagueja uns sons inarticulados e, por fim, acena que não, ao mesmo tempo que lança com decisão: — *No, no! Shopping!*

Logo regressa, satisfeita, à mesa onde abandonara o copo. Gonçalo agigantava-se perante uma Elvira encolhida, mas perversamente aberta num sorriso. As palavras saíam-lhe sibiladas: — Escândalos, nunca, percebeu? Ou você julga que isto aqui é como com os seus amigos, taradinhos e histéricos!? Já não temos a sua idade, percebeu? —. E, desagigantando-se, numa súbita quebra de desespero: — Por que não casei eu com uma mulher como a do Rui? Como você, Luíza. Bonita, jovem e ponderada.

O meu Bigodes, ai de mim!, não registara o ditirambo, visto haver regressado ao escalão de adulto, muito de bigode, junto do belo cavaleiro de farta cabeleira branca, encostado ao bar, no prosseguimento da serena conversa interrompida, profissional, professoral lição, que o Bigodes ouvia atentamente. Mesmo por baixo de uma reprodução de Brueghel, onde se adivinha um cheiro a estábulo, cerzido em chamas de lareira para luz, calor, cor e apetites descontraídos. É gente gorda, gorda, gorda. Os homens, as mulheres, as crianças, os próprios cães. Evola-se dos panelões uma vaporosa e cromática saciedade. Gente voraz, gente grotesca, todos eles — homens, mulheres, crianças, os próprios cães —, uniformizados pelo sufrágio da bulimia, são todos eles bichos saídos do mesmo ventre hipertrofiado e monstruoso da terra, sem alma que os transcenda, pecaminosos como deuses pagãos e redondos como dornas a rebentar pelas aduelas. Com especial destaque para a matrona pançuda que, de seios ao léu, amamentava um futuro frade glutão, futuro amante de pernis fumegantes com rodadas de

cerveja, nas estalagens de bebedolas, onde, embrutecido, dormirá estatelado sobre as grandes e pesadas mesas.

Ao fundo, como um ultraje, o espantado magrizela solta a sua alma desprezível pela emudecida boca aberta, os bicudos joelhos a escaparem-se pelos buracos das calças, mal podendo segurar, alvo de pontapés, a cornamusa de pedinte ambulante. Morde-lhe as canelas um cachorro nutrido e, com pueril fúria, enxota-o dali um obeso conviva, destacado do grupo repimpado dos sedentários comparsas de rabos pesados, cingidos por cinturões de salsichas e chispando, todos eles, pelos olhos afundados em papos, uma maldade que a indolência embacia.

— Luíza! Luíza! Em que estás a pensar? O autocarro já chegou. Tens apetite?

— Um apetite louco! Aquele quadro fez-me fome.

— Aquele?

— Aquele, sim! Apetece-me babar-me de carne suculenta e de enchidos picantes. Com uma grade caneca de cerveja.

— Uma caneca de cerveja? Foi o que você disse? Julguei que não gostasse de cerveja. E julguei que fosse um pisco a comer.

— Depende.

— Você não sabe, Gonçalo, que a Luíza tem uma costela estrangeira?

— Ignorava de todo.

— Pois é verdade! A mãe era belga.

— Não era propriamente belga. Era flamenga.

— Faz muita diferença?

— Não fará muita, mas sempre fará alguma. Ser flamenga implica... É diferente, pronto! É uma questão de...

— Sentimento?

— Não, nada disso! Um misto de tradição e cultura... mas também não é bem isso. Ou só isso.

— Todos nós temos as nossas raízes...

— Vamos andando?

Pois vamos andando, sim senhor! E, enquanto vamos andando, pergunto a mim própria que tolo sentimentalismo me obriga a

reinventar a minha mãe, sempre que dela se fala! E por que razão tanto me esforço por lhe dar um rosto expressivo, a ela, que não o tinha, nem parecia enraizada numa terra, num povo... Ela, que apenas deve ter descoberto ter-se enganado no rumo que dera à sua vida, ao casar com aquele estrangeiro bonito e inteligente, que tão pouco a apreciava! Ela que nunca sucumbira a euforias e turbulências... e, logo a seguir, ao silêncio desvanecido perante as coisas que nos fazem felizes, a côr, o volume, o brilho, os sons, o cheiro da terra molhada, a poalha dispersa do trigo, que é de oiro pálido e cintilante. As asas dos insectos e o focinho das vacas. Então há que festejar tudo isto com os cinco sentidos e mais um, para registo dos outros cinco. Festejar, amar ruidosamente, aparatosamente, gulosamente... Pobre mãe, tão apagada!

— Depois dizes o resto. Senta-te aqui ao pé de mim. Vais bem?

— Vou ótima. Mas não digo mais nada. Não sei dizer. Sinto umas coisas que não sei dizer.

— Vocês aí à frente! Chamem o Gonçalo para aqui, estou a guardar-lhe o lugar, não vá ele colar-se à escorrida e deixar-me para aqui...

— Posso sentar-me, *Madame*? Sou de opinião que a companhia de uma mulher bonita não deve ser exclusivo de um só cavalheiro.

— É muito amável, doutor. Lisonjeia-me. Terei muito prazer... Eh! Vocês aí à frente! Olho no Gonçalo! Guardem o lugar junto dessa anciã caquética. Chamem-no para aí!

— Ó Elvira! Que linguagem a sua!

— Não armes em moralista! A Elvira é uma universitária de boas famílias! Que diabo!

É ainda jovem, de beleza apenas pressentida, um tanto rústico, porém sem nada de grosseiro. As próprias mãos, grandes e bem rematadas, com fortes dedos aplainados, sugerem vigor, segurança, ternura. A carnação tende para o terroso, mas ainda só como hipótese, por enquanto ainda matiz alterável, ora carmim de apetite satisfeito no nariz saliente, ora gáudio de ripanços sobre a relva fofa de pasto, acentuado em côr nas faces que os anos hão-de amolecer.

Não resisto ao aceno que me faz e sigo atrás dele, por uma vereda fácil, que se abre não sei como ante os meus passos. Ele vai à frente, perfeitamente recortado no céu côr de chumbo, que é também pano de fundo para o enérgico moinho, assente à direita, lá muito distante e, no entanto, perto, como tudo o mais, incluindo ele próprio, cujo olhar-me, ao voltar-se para trás, se diria não me limitar no espaço, antes integrar-me num horizonte de vento e bruma, que envolve e sacode a paisagem húmida. Estou perto agora, pois que lhe toco a barba, mesmo que não toque, toco-lhe a barba, que é ruiva, mesmo que não seja, com o reflexo do sol fugidio a cintilar breve a cada movimento que faz para olhar o moinho, a terra escura, a cinza do céu, o borboleteio frágil do trigo, a espessura tranquila do bosque, o colmo da casa isolada, por onde se escapa um aroma de ovos com toucinho. Ele parece fascinado. Cerra os olhos, por vezes, para recordar a paisagem ou para a reinventar. Essa paisagem que se alonga sobre si própria e vai desvelando outra paisagem, onde cabem casas toscas e vultos vivos, a descaírem para um rio estranho, que desliza sob uma ténue abóbada de nuvens baixas. O meu companheiro ia-me dando indicações, aquele era o rio Dommel, aquela a terra onde nascera, o narigudo e corado homenzarrão dava pelo nome de Goela Seca e era estalajadeiro, aqueloutro, magro e desengonçado, moleiro de profissão, ria por tudo e por nada e era generoso como pão fresco.

A sua voz, não sendo de homem culto, tinha, no entanto, uma suavidade de flocos de neve a cair num campo cinzento. Subitamente, o tempo pareceu enrolar-se numa voragem de cores sobrepostas, e ele exclamou: “Esta é a grande cidade.”

E era a grande cidade, bela e simultaneamente assustadora, pesada de tons, forte e formigante, com o grande casario de madeira a estalar de frio e convergindo para a eminência brumosa da catedral — uma flecha fina e solene, muito acima do mundo desarrumado, quase tosco, mas por certo vibrante de vida com toques de vermelho.

«Esta é a cidade onde vivo, onde cabem as minhas alegrias e as minhas penas, onde colho o meu desespero para trabalhar com exaltação. Onde habito os homens e as suas angústias e delas me aproprio, porque também são minhas. São belos e tortuosos, os homens.

Monstros com almas resgatáveis, inebriam-se de mal e refastelam-se na irresponsabilidade. Olha para ali, repara naquele homem. Parece assustado. Dir-se-ia um cão vadio à espera de pontapés”.

“Herético! Herético!”, clama a multidão, erguendo punhos como martelos. O herético insinua a sua figura espalmada por entre dois obesos comerciantes de trigo, postados como guardiães à porta da estalagem *Le Paradis*. Os esbirros do Duque de Alba chegam entretanto, cavalos sem freio, moinhos de vento agreste, entre os clamores da multidão que súbito emergira em festa, carmesim de entusiasmo, às lucarnas e às janelas, às portas e à entrada dos becos, aglutinada agora em plena praça, vomitando víboras, gataria de pelo eriçado em negro e sangue, com chifres de belzebu nas frentes encardidas. “Que morra queimado!”, berra a megera encortiçada, com um gesto obsceno tão amplo que atirou ao chão o cesto de figos à cabeça da rapariguinha medusada em amarelo pálido sobre tristes pernas aparafusadas à saia cor de terra e lama. “Que morra!”, repetem uns. “Queimado!”, ganem outros tantos. É geral o relincho, quando a soldadesca jorra da porta do *Paradis*, rutilante de armas e de raiva, arrastando o herético, amigo de Calvino, saqueador de igrejas, profanador de altares, blasfemo, sacrílego, comedor de crianças, propagador de malefícios, conspirador de bruxedos — o cão assustado com pirilampus nos buracos dos ouvidos, que vai a desfazer-se espasmodicamente em pó e vermes, a cada cutilada, a cada beliscão da beata vestida de negro possessa de Deus, a cada paulada dos mercadores bêbados, aos vitupérios esganiçados e ensurdecedores daquela boa gente compacta e borbulhante, abrindo-se em tonalidades febris de animais selvagens numa insónia estrepitosa.

“Eis o que a intolerância faz dos homens!” sussurra o meu companheiro. Havia-me largado da mão, afastara-se de mim. As lágrimas forjavam-lhe a voz entrecortada, mas o brilho no olhar provinha de um abismo decerto sinistro, onde se esboçavam formas fantasmagóricas, seres grotescos, divindades ferozes, pássaros, pássaros endemoninhados com capuz de frade, diabretes folgazões entoando um *Te Deum* de paródia. “E, no entanto, Deus existe”, balbucia. Reaproximara-se e, com uma delicadeza um tanto distraída,

passava-me pelos cabelos a forte, expressiva mão. “Deus existe, visto eu acreditar que existe. De outra forma, a beleza seria um absurdo e a maldade intolerável”.

Já os homens se tinham dispersado e, para festejar o belo espetáculo, ofereciam entre si, nas estalagens ali próximas, rodadas de espumosa e fresca cerveja. Tinham todos eles fome e sede, por isso as loiras e carnudas criadinhas andavam num rodopio jovial, mais uns tantos pichéis para aqui, mais um naco de toucinho para acolá, uma pratada de arroz doce para mais além — sorrindo donairosas aos galanteios pesados de um, escapando às impudentes apalpadelas de outro, protestando com alarde apologético contra as grosserias da maior parte, entre um vozeario surdo e contínuo, de quando em quando superado pelo coro de canções ora pícaras, ora obscenas. Já alguns se babavam de espuma e gordura, pelo que, sob as nódoas, desmaiavam os tons vivos dos gibões, em contraste com os narizes cada vez mais rubros e as bochechas progressivamente afogueadas. Os olhos luziam a cada palavrão mais acentuado, faróis em mar de lodo; de vez em quando, levantava-se um deles para brindar, baloiçando a uma tempestade de brinquedo, para brindar e apostar com os outros em como o hereje de há pouco seria queimado e não decapitado. Esquartejado, teimava um terceiro. Estripado como um frango, propunha outro. O matulão de farripas húmidas de suor levantou-se por sua vez e proclamou que a cabeça espetada, oh! a cabeça espetada num pau, isso sim! espetada e passeada pelas ruas, com o sulco de sangue a empapar-se nas pedras da calçada, isso sim!

Ergueu-se então um homem, ainda novo, parecido com o meu companheiro (ou seria o meu companheiro? Era tudo tão confuso!), levantou-se arrebatadamente e, empurrando bancos e bêbados, encaminhou-se para a porta. Aí, voltou-se para o caos de pernas ao alto e cabeças rachadas, num desbarato de cerveja a escorrer das mesas para o chão e para as pantalonas dos basbaques trôpegos e titubeantes, e exclamou acintuosamente: “Seus porcos!”

O meu companheiro (ou seria o desconhecido da estalagem?) murmurou a meu lado: “Como são belos e horrendos!” e havia ainda lágrimas no seu rosto e brilho nos seus olhos, tal como se adivinhasse

e visse, para além dos homens ou da sua aparência, uma outra verdade, muito oculta, temível certamente, porém fascinante.

O homem saiu do *Paradis* (ou seria o meu companheiro?), através do grupo de mendigos, estropiados, pernetas e cegos, que, à porta, aguardavam a esmola de um osso ainda com fiapos de carne e uma ou outra cenoura atirada ao alvo por um folgazão destreinado, “agarra lá esta!”; todos se projectavam, negros de cobiça e ainda mais desfigurados, para o parco troféu de tanta obstinação.

“Isto é horrível! Como é possível que os aches belos?” A voz dele é um murmúrio ensimesmado: “Talvez alguns destes, que vês afogando o ódio em cerveja, ou, quem sabe?, tentando em vão afogá-lo, talvez também amanhã sejam arrastados e, por sua vez, morram para desagravo da fé e da autoridade. Terrível, terrível dilema, o deles! O medo ou o cárcere. O ódio ou as correntes. Como poderei eu ficar insensível à beleza deste combate entre o bem e o mal? Rostos de aves de rapina em corpos de transparente ascese. Histriões a verem-se ao espelho da suprema beleza. Um sapo com um ramo de flores, uma mulher com bico de pato, um cão encapuzado a despejar água de uma infusa para a boca de um homem nu e sequioso. Gente animalesca, bichos quase humanos, pássaros, répteis, peixes, fetos monstruosos – um mundo exótico, repulsivo, grotesco! O mundo belo dos homens meus semelhantes. Por outro lado, acaso já reparaste como é comovente, comovente até às lágrimas, o vasto campo que a neve purificou? E a elegância daquele salgueiro, a cujo tronco se encostou uma bonita e rosada rapariga, apanhada entre os braços de um homem? Tinha uma pele aromática e sabia a figos com pão. Resvalámos para o rio, rindo às gargalhadas, e saímos da água encharcados e divertidos como crianças, porque tudo aquilo era belo, a árvore, o rio, a paisagem a perder de vista na bruma dourada do fim-de-tarde com toques indecisos de rosa pálido. Uma rapariga, de saiote encarnado, transferia para o matiz sereno da paisagem uma tonalidade de fogo, que parecia perfumar o campo e a mim me arrebatava”.

O cavalo baio dançava, solto e libérrimo, sacudindo as crinas que fulgiam quando ele se encaracolava em saltos sucessivos, pernas vibrantes, forte garupa, elasticidade, galhardia. Cola-se-me às coxas o

saiote encarnado, pingando. Por isso a resistência se me entorpece e caio, rindo feliz, sobre a verde relva, rodeada por vacas morosas, de límpido olhar e pachorrenento apetite. O meu companheiro aproxima-se de manso...

— Ah! Já acordaste!?! — pergunta o Rui, emergindo da casa de banho.

— Como vês. Levantaste-te cedo, pelos vistos. Já estás quase pronto.

— Nem deste por isso. Dormias como um anjo.

— Não sei há quanto tempo acordei realmente. Imaginava coisas.

— Atrasei-me um bocado a aparar a barba. Queres que mande vir o pequeno-almoço?

— Não. Encarrego-me disso, quando te fores embora.

— Que fazes hoje? Vais na excursão das senhoras?

— Há nessa expressão *excursion pour dames* qualquer coisa que me deprime.

— As tuas ideias! As tuas manias! E o Gonçalo a repetir-me ontem à noite que tu, sim, eras muito ajuizadinha, uma ternura! Já estava farto de o ouvir. Parece que lhe contaste a tua vida e ele ficou encantado.

— Espero que não me tenha ouvido com muita atenção. Disse-lhe uma série de invenções.

— Para quê, afinal? Esta gravata fica melhor, não achas?

— Acho.

— Que mentiras lhe contaste?

— Que te preferi às Belas-Artes, por exemplo.

— Diga-se em abono da verdade que não foi fácil. Passar horas à porta da Escola à espera que acabasses de borrar telas... Sim, fui muito paciente. Acho que sim, que esta fica realmente muito melhor. E é mais sóbria. Afinal, que tencionas fazer hoje?

— Vou a Antuérpia. Esta noite sonhei com Brueghel.

— Que foi que disseste?

— Que vou a Antuérpia. Que esta noite sonhei com Brueghel.

— Bem me parecia.

— O quê?

- Ter ouvido o que ouvi. O sonho não foi com Rubens?
- Não, foi com Brueghel.
- Bem, tu lá sabes. Vais, portanto, a Antuérpia, porque esta noite sonhaste com Brueghel, é isso?
- Isso mesmo.
- Que sorte para mim não teres sonhado com um esquimó! E quando vais tu visitar a tua amiga Flores?
- Não sei. Não sei se me apetece.
- Escreveste-lhe a dizer que vinhas, ela conta certamente contigo.
- Sossega que não me sentirá a falta. Deve haver milhões de pessoas encantadoras à volta dela. Recebe primorosamente e é muito divertida.
- Bem, faz lá como entenderes. Vou andando, já estou atrasado. Até logo, querida. Porta-te com juizinho.

Esta é a grande cidade, dissera ele. Quando se desembarca, Pelikaanstraat não sugere qualquer gigantismo: é apenas uma rua áspera, nodosa e tão incaracterística que nos arrepia a memória com a súbita e involuntária eclosão na consciência de tantas outras ruas incaracterísticas da nossa vida, por onde talvez tenhamos passeado em agradável companhia, que um dia porventura atravessámos para ir velar um morto, onde talvez, a um aroma de café saído de uma casa anódina, nos tenha acometido uma fome de pão com manteiga, comido ao ar livre num recreio de classe infantil, com a penugem do giz a fazer-nos cócegas nas narinas. São reminiscências em cadeia. As ruas incaracterísticas têm a vantagem de se subpor às imagens e às percepções, são realmente catalisadoras. Em quantas ruas de Lisboa encontrei esta insociabilidade, ou melhor: esta baça indefinição da consciência, logo superada, se necessário ou possível, pela libertação da indócil memória.

A grande cidade, todavia, vai surgir ao dobrar da esquina. Reinvento-me criança pela mão da minha mãe, passeando por aqui a caminho do centro. O nosso riso é de pura alegria e comemos com bom apetite a cornucópia de batatas fritas com molho mousseline.

A minha mãe tem da história um conceito bastante excêntrico, por isso tanto nos rimos, quando ela me conta as histórias da sua história, mistificando-me, a pronunciar com requintes de doçura umas palavras terríveis, assustadoras, que não sei de todo o que significam. Que bela e divertida viagem teríamos feito, se a tivéssemos feito!

Inventemos: vejo-a, a minha mãe, com um arzinho de felino sensível ao mínimo rangido de uma folha seca caída, palpitante na paisagem sobranceira, atenta a todos os sinais, qualquer vestígio de vida, ela, ávida... Uma doce flamenga expatriada de regresso ao pátrio ninho, a embeber-se na cidade, mergulhando nela como em mar para afogados, deixando-se envolver pela fauna da Meir, como se necessitada de choques e encontrões para sobreviver ao marasmo, vibrando ao simples nome de uma rua, o *Canal au Sucre*, “não te iludas, minha filha, isto aqui é como se caminhássemos sobre água com asas nos pés”. Passa em branco pilastras e cariátides, mas inebria-se em silêncio, num silêncio de invenção (não terá ela lamentado a minha inexaltante presença a seu lado, uma criaturinha insípida e tagarela, de difícil acesso ao seu mundo de intuitiva captação, percorrido por duendes travessos e espirituosos?), em silêncio inebria-se de abstractos afagos, de mensagens subteis, que, por vezes, me transmite. Ali está o ramalhete de torres nascidas dos pólderes, a Catedral e todas aquelas igrejas com nomes de santos... Que apetitoso aroma sai dali, sentes, Luizinha? É quente e loiro como as chamas crepitantes da lareira, à volta da qual se sentam, a comer tarte de ameixa, dois apaixonados cativantes. Um passeio aperitivo de fim-de-tarde, vamos caminhando em círculos, cada vez mais alargados, todos eles dentro de uma redoma envolvente, onde se agita uma vida animal congestionada e emotiva ao nível epidérmico, mãos pesadas de lubricidade, odores afrodisíacos... O Rubens majestoso, na Groenplatz, dir-se-ia à primeira vista um cabotino instalado na cidade. Plantin, não! Plantin tem a soberba modéstia das eminências pardas: transfere para a terra onde vive aquele mérito em que Rubens se aconchega, todo embrulhado em veludo púrpura, com narcísicas chapeladas de plumas e o brilho enfático das pedras preciosas.

A verdade, porém, é que Antuérpia é um gigante arisco, com pontos vulneráveis no seu organismo de catorze séculos. É uma

cidade viril, que aparenta força e domínio (que acontecerá a este Sansão, se um dia lhe cortam os cabelos?). Faço o confronto com a minha amável Lisboa, tão feminina, quase fêmea numa alcova devassada. Também Bruxelas é mulher, aliás como Bruges, *domina* a primeira, *dominicela* a segunda. (“Bom dia, *domina*! Bom dia, *dominicela*!”, assim nos saudava o meu pai, ao pequeno almoço, com aquele sorriso céptico e demorado, que bem podia irritar discípulos e condiscípulos, e punha no amplo seio da minha mãe tristes suspiros de resignação).

Bruxelas, *domina*. Bruges, *dominicela*. A *domina*, burguesa por vezes mal comportada, é ambiciosa, dotada de uma beleza menos precária do que supõe, compensando pela graça a carência de uma solene magnificência, e pela vivacidade a ausência de um majestoso hieratismo; um tanto desperdiçada, um nadinha temperamental, um bocadinho aventureira, nunca, porém, perde a noção de um recato senhoril, e todas as suas prodigalidades, sejam de que espécie for, confundem-se não raro com generosidade, nutrida de um sentido equívoco de que a beleza e a riqueza não são conteúdo de escrínio só para fruição de uns tantos eleitos, antes património de todos, na sua generalidade. Por isso às vezes a diríamos exibicionista.

Bruges, a *dominicela*, inventa uma ascese impossível na opulência com que a dotaram. Pretende-se casta e modesta, orando a Deus num genuflexório de pau santo com incrustações de pedras preciosas; veste-se de burel com enfeites de esmeraldas, rubis e topázios; servem-lhe os vistosos fâmulos, em baixela de oiro, as sóbrias refeições de pão simples, frutos secos e água fresca; tropeça a cada passo em jóias e sumptuosidades, mas prossegue, em permanente meditação, a sua resguardada vida de eterna donzela. Indiferente aos homens grosseiros e sôfregos, vive do espírito, alheia, surda ao tilintar das ricas pulseiras e cega ao brilho dos diamantes nos anéis, que abrem na penumbra da capela sulcos de rápidos relâmpagos, quando ela ergue para o altar as alvas mãos juntas em prece.

(Roma, por exemplo, vejo-a rica mundana, bela e libertina, com hipócritas e instituídas visitas ao confessionário, onde pespega umas mentirinhas de conveniência sobre os seus costumes, ao mesmo

tempo que tenta perverter, com a formusura de confessada, a aparente imperturbabilidade do confessor).

Gante é homem, forte pelos seus bens. Seguro e ordenado. Vive só, alimentando-se pelo olhar, orgulhoso das suas riquezas dispersas, que vislumbra das altas janelas onde assoma a cada hora, assim a cada hora reconstituindo e fortalecendo a sua nobre vaidade.

Antuérpia, essa! Antuérpia, *esse!* Definitivamente viril. Polígamo de múltiplas esposas legítimas, que lhe passeiam a munificência dos presentes pelas ruas do ócio, enquanto ele se fecha no utilitarismo dos gabinetes, a acumular numerário, com que vai, logo a seguir, arrematar num leilão um Rembrandt recém-descoberto, encher de diamantes as mãos das mulheres e fechar num cofre secreto o que lhe sobra, para um investimento rendoso, uma especulação na Bolsa ou um provável mecenato. Bebe o seu cálice de Porto, antes da noite de amor legal para-mais-um-filho, bebe o seu cálice a contemplar as telas do seu vício secreto, em molduras douradas, dominando os armários e as consolas antigos, herdados de avós empreendedores, que surraram os fundilhos nos altos bancos da contabilidade. Também esses avós tinham amores secretos, taras ocultas, também eles. A sonhada magnificência, uma grandeza contemplativa.

(Damião de Góis, surrando os fundilhos de escrivão na Feitoria portuguesa de Antuérpia! Conheceste-o, porventura, Brueghel? Quando aqui chegaste, vindo da tua triste infância, acaso não reparaste nesse Português sem pátria, que te falava das suas várias pátrias? Do convívio com Lutero até ao último suspiro de Erasmo, ei-lo, posando para o teu colega Dürer — o austero rosto de um antigo menino do paço, pagem de olhar curioso, brincando adulto com o latim e a música, esse futuro aventureiro iluminado, que, entre duas crónicas para o futuro, se dispõe a organizar em Lovaina a luta contra o rei de França. Lembras-te daquele dia nervoso em que sobre a tua cabeça, a mão dele poisou serena — para acalmar a tua juvenil revolta perante a fúria com que os esbirros espancavam o homem que te falara de Lutero? O jovem Pieter e o adulto Damião — um encontro breve! Sabes tu, rapazinho, que também ele um dia, bem mais tarde, talvez no próprio momento em que tu dizes adeus aos campos arejados da tua

Flandres no leito voltado para a janela onde esgotas a vida, está ele, pobre velho!, a pagar o seu tributo à Santa Inquisição, o tributo de ter sido autónomo e livre, homem de grandeza, emérito latinista, erudito aplicado, *habitué* das altas torres do espírito... Perdoa, meu irónico pai, se não consigo a tua eloquência e o teu fervor para exprimir como tu uma paixão intelectual por Damião de Góis, vítima da imbecilidade instituída! E aqui estou eu, Brueghel, a falar-lhe de mim, eu, humilde descendente tua e do avô Damião, do menino faminto que se banhava no Dommel e do menino do paço que se inebriava de letras, eu, nem loira nem morena, à procura de pátria nos quadros que me devolvam a imagem da flamenga-minha-mãe, com quem brincaste encostado ao salgueiro. Terá ela depois conhecido o avô Damião? Talvez o tenha visitado no cárcere e adoçado a torpeza dos seus últimos dias com a ternura da sua clara presença).

Pronto, meu inteligente pai, já cumpri o meu dever de órfã saudososa e veneradora: evoquei o teu Damião de Góis, com quem trocavas inaudíveis palavras na solidão do teu escritório fechado à chave, não fosse alguém entrar que profanasse os ares limpos, almas ariscas e mentes heréticas! Embora lá recebesses um ou outro aluno, com quem discutias as complexidades da semântica, ou a quem dissolvias dúvidas escandalosamente eruditas, entre os estilos de Tácito e Horácio. Às vezes, as consultas tinham objectivos menos elevados, constituíam apenas bóias de salvação atiradas a incompetentes, que esperavam misericordiosa redenção ou reabilitação. Foi assim que conheci o Pepe, aliás Pedro, aliás Pêpê, e depois Pepe, talvez porque um dia se esqueceu de pôr os acentos. Ficou Pepe, para os amigos e amigas, e nunca mais deixou de ser Pepe. Pensava nele às vezes com uma certa repulsa, mas considerava-o indispensável na minha vida de inicianda, de tal modo o via romanescamente alma danada que me levaria à libertadora perdição. “Um vestido de mangas compridas, com este calor?!” “Não tenho calor, Mãe.” “Estarás doente?” “Não, mãe.” “É que está tanto calor! Deixa ver a tua testa, Luizinha.” “Estou bem, mãe, não se aflija.” “Vais sair hoje de tarde?” “Sim, mãe. Com colegas. Talvez ao cinema.” “Colegas rapazes e raparigas?” “O Pepe talvez, mãe.” E o meu pai: “Qual a diferença? O género não se altera por isso.”

“Não tens calor com tudo isso a tapar-te?” “Os braços estão cheios de nódoas. E o pescoço, nem queiras saber! É tudo manchas vermelhas.” “Ora! Gostaste ou não?” “Sei lá se gostei.” “Ó meu vidrinho de cheiro!” “Tenho o corpo todo dorido.” “Não prestas para nada. Queres voltar hoje?” “Tenho de estar cedo em casa.” “Já cá faltava! Mas dá tempo.” “Se prometeres não me magoar!” “Não prometo coisa nenhuma. Se queres, queres; se não queres, não queres. Nada mais simples, meu berloquinho.”

Serão as monstruosidades da Dulle Griet que transportaram a evocação de Pepe? O silêncio do museu é o silêncio doméstico da minha infância, mas há aqui uma claridade, inexistente lá. O silêncio, lá, era baço, aconchegado em passadeiras escuras ao longo dos corredores solitários, com a opacidade de sombras informes a envolver-nos os passos vacilantes.

Aqui tudo é transparente e límpido. Não fora esta Dulle Griet na minha frente, eu sucumbiria a uma sedativa envolvência e adormeceria refastelada num sono sem história. Mas há a Dulle Griet. Sentada à sua frente, vou monologando a lenga-lenga da minha confusão, à espera de que Brueghel acorra para me elucidar sobre os meus demónios.

A Dulle Griet! Vomitório de pragas, ei-la, essa Guida louca, alfobre de toda a raiva do mundo, semente e semeadora de ódio! Onde foi ela buscar a força — escanzelada e esgalgada como é, só osso e nervo, espantalho vestido de trapo e ferro, coroada pela máscara de um furor carnavalesco sob o casco marcial? Coriféu de esconjuros, ela destrói, dilacera, fascina. O que a levou a um tal ponto de exasperação? Ela é causa e efeito? Eu, no lugar dela, eu, muito aprumada — como reagiria àquela boca no traseiro de um aborto com a cabeça para baixo? E àquele peixe canibal? Ao olho lúzio do gigante-fortaleza, prisão de almas condenadas. Literalmente ensopado em sangue...

— Belo, realmente belo, não acha?

... escuto o coral das górgones em total desafinação, sob a batuta de um satanás oculto atrás da parede, ó maestro inspirado, ó iluminado *virtuose!*

— Falo consigo, *mademoiselle!* Não acha belo?

Luíza volta o rosto e hesita antes de esboçar um sorriso. Ele sentara-se ao lado e também sorri.

— É muda, *mademoiselle*?

Luíza desfaz o sorriso e, com um imperceptível tremor nos lábios, tenta uma frase: —Eu... eu não... Como é que...?

— Bem, pelo menos não é muda. Muito me apraz sabê-lo...

— Sim?

— ... porque gostava de conversar consigo. A respeito daquilo — remata, apontando a parede.

— Aquilo! — repete Luíza, com um lento volver da cabeça para a parede, uma pausa sobre a Dulle Griet, e, a seguir, de novo para o rapazola que, entretanto, cruzara as pernas e apoiara o cotovelo sobre o joelho. Continuava a sorrir, a cabeça amparada na mão branca e mole (mãos feias, pensa Luíza), todo ele disposto a configurar numa pose escultórica uma alegoria de beatitude e desinibição. Moralmente suspeito e de inegável duvidoso asseio.

É Rui quem lhe abre a porta; vagamente comprometido, sem a beijar, observa: — Estás atrasada. Como te correu o dia?

— Bem.

Começa a despir-se a caminho da casa de banho.

— Por favor, Luíza! Não deixes a roupa por aí ao acaso. Sabes que detesto a desordem.

Ela regressa ao quarto a apertar o cinto do roupão.

— Eu depois arrumo. Escolhe o meu vestido para hoje.

— Ora! Não sejas maluquinha! Que percebo eu de vestidos?

— Devias perceber, pelo menos de vestidos despídos. Já estás pronto?

— Quase. Estava à tua espera. Onde puseste a minha gravata azul e branca?

Luíza voltara à casa de banho e pusera a água a correr. Rui assoma à porta. Luíza, atrás do plástico do chuveiro, vai cantarolando, sem letra, uma cançoneta vagamente identificada.

— Estás muito alegre, parece.

*Na palavra abysmo, é a forma do y que lhe
dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,
é transformá-lo numa superfície banal.*

—
Teixeira de Pascoaes

Edição #56
Lisboa, Abril 2017

Design e logótipo convidado

Maria João Carvalho

Revisão

Maria José Sousa

—
Composto em caracteres Freight Text
sobre papel Coral Book Ivory vol. 1.5 de 90 g/m²
Capa em cartolina cromo de 260 g/m²

Composição

Undo

Impressão e acabamento

Europress, Lda.

Depósito Legal 000000/17

ISBN 978-989-8688-43-9



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



ABYSSMO

Rua da Horta Seca, 40, r/ch

1200-221 Lisboa

www.abysmo.pt



«Brueghel representa, em suma, nesse encontro de Luíza consigo mesma através da escrita da autobiografia, um caminho tortuoso para ir ao encontro da História que, em episódios verdadeiros ou ficcionados, o pintor fixou, mas propicia também — e sobretudo — a reconciliação das memórias materna e paterna que instituem e fundam a protagonista. Tudo, as “monstruosidades” ou as cenas do quotidiano que minuciosamente o pintor pôs nas telas, evocando o “silêncio doméstico da minha infância”, confortante mas ressoando de inquietações, tudo compõe a tela deste livro de complexa estrutura. Nos seus níveis entrecruzados, na brilhante ironia a que se contrapõe a desapiedada imagem de uma mulher em busca de si, Fernanda Botelho dá-nos em *Esta noite sonhei com Brueghel* um subtil e sofisticado retrato português. Luíza é Fernanda — a sua, a nossa desassombrada efigie.»

Paula Morão, no Prefácio.

ISBN 978-989-8688-43-9



9 789898 688439

U LISBDA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FLUL
LISBOA



Centro de Estudos
Comparatistas
LIS/ELT/0509/2013

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

